

# TARDE QUENTE

Na tarde quente,  
à beira do tanque, estava  
um bom silêncio dormente.

Havia às vezes, deslizes  
de insectos na água quieta  
e reflexos felizes  
de um vôo de borboleta...

Leve zumbir de abelhas  
Que vinham beber, poisando  
Sobre fôlhas velhas  
flutuando...

Dentre as margens, no silêncio mole,  
caiam,  
nas águas em sono brando,  
caiam  
e ficavam tremulando  
discos breves de Sol

# MADRUGADA

Aragem subtil e traiçoeira  
passa leve e segreda aos arvoredos  
as lembranças da noite com seus mêdos.

E a neblina  
que ondulosa  
e felina  
descera  
contornando, beijando e envolvendo,  
voluptuosa,  
o flanco rude da serra,  
vai na frente do Sol desaparecendo  
e triste e silenciosa  
se desterra...

Sinto um vago arrepió inexplicável  
e sinto fôrça, vida; tenho Fé.  
Mas na luz branca, terna, admirável,  
uma fôlha soltou-se...  
pairou... Hesitou como se fôsse  
para tomar caminho,  
E já serena, então, devagarinho  
veio cair-me ao pé...

# PAS TORAL

## AO ARLINDO VICENTE

Na tarde abandonada que se afoga  
serenamente,  
há renúncias paradas de quem voga  
no mar, sem esperança, triste, só, doente...

Esquilas de um rebanho caminhando  
num barrocal perdido, desolado.  
Um assobio avulta e sobe quando  
na fonte alguém dá de beber ao gado.

(Aquele assobio,  
de dia,  
não se ouviria...  
Sumir-se-ia...)

Os passos de um cavalo na poeira  
fôfa da estrada, que os vai gastando...  
E o silêncio da hora feiticeira  
ajusta-se de novo... brando... brando

(Que bom seria, agora, adormecer sorrindo)

No espinhaço da serra sobranceira  
uma primeira estrêla caminheira  
tremeluzindo...

Flautas de sapos a marcar compassos  
Cantorias de rãs em contrabassos  
E parecendo chamar, longinqua a noite  
uma voz em canção.  
(Ninguém há que a cantar se não afoite  
mesmo na solidão!)

No pátio sonolento, a luz que morre,  
violeta-rosado,  
E' tinta fresca d'aguarela e escorre  
sôbre o muro caiado...

Cai mistério das sombras d'árvores sós.  
Mistérios... — O que há?...  
E penso que se agora erguesse a voz  
e éco só diria:

— Haaaah!...

Depois

mais devagar ainda alongaria:

— Haaaah!... Haaaah!...

E tudo regressava ao seu quebranto;  
porque o silêncio velador e mudo  
voltaria com gestos de veludo  
e ajustaria o manto...

FRANCISCO BUGALHO

# NOITE DE LUA

Luar soturno caindo  
dentre romagens sobrias  
cria fantasmas surgindo  
de pálidas brumas frias.

Das chapas de água que as chuvas  
deixaram no chão paradas  
faz a luz brancas ossadas,  
E no seu brilho inesperado  
ha crueldades, pecado  
e súbitas gargalhadas  
das almas abandonadas  
em trágico divagar...

Grande fantasma o Luar!...

Na noite, um vento do Norte  
— que é voz da morte —  
desliza.  
E eu só vou andando à sorte  
sentindo o rangido forte  
do meu andar sôbre a estrada  
que a geada  
cristaliza.

O som dos passos me acorda  
E sinto em mim o temor  
da velha horda  
perdida.  
Quási não sinto o calor  
do meu corpo, e em redor  
nem um só éco de Vida.

# OLHAR

Limpidas serenidades de águas claras  
com algas verdes, flutuantes, lentas,  
em ondulações tenuíssimas e raras...  
Demaíos da manhã, em claridade,  
roçando, leve, a prata silenciosa  
de um lago  
vago...  
Dormência funda; serena eternidade  
como um sonho de esfinge misteriosa...  
Ondas revoltas do mar  
com cadáveres de naufrágios a boiar  
de bruços, olhos mergulhados  
e perdidos  
na busca dos abismos desejados  
e nunca conseguidos...